

# DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ: UMA TRAJETÓRIA PELAS PÁGINAS DA IMPRENSA

## *DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ: A PATH THROUGH THE PAGES OF THE PRESS*

Ana Cristina Steffen  
PUCRS

**Resumo:** A escritora paulista Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982) produziu ao longo de sua carreira literária uma extensa obra, e transitou pelos mais diferentes gêneros: romance histórico, ficção científica, conto, teatro. Outro gênero, que trouxe grande notoriedade para a escritora, foi a crônica: Dinah escreveu milhares desses textos ao longo de sua vida, os quais eram veiculados tanto em meios impressos quanto lidos em programas de rádio. Para além disso, a escritora teve uma intensa atuação nos círculos intelectuais, fato que ficou registrado nas folhas de jornais e revistas de sua época. Assim sendo, o objetivo principal deste trabalho é recuperar alguns dos acontecimentos que demonstram entrelaçamento entre a vida de Dinah, enquanto escritora e intelectual, e as páginas da imprensa. Dentre esses, se destacam os esforços de Dinah para possibilitar o ingresso de mulheres na Academia Brasileira de Letras. Com isso, ainda, também é visado trazer uma contribuição para a leitura e o estudo de uma autora que é uma quase desconhecida nos dias de hoje.

**Palavras-chave:** Dinah Silveira de Queiroz. Imprensa. Autoria feminina. Academia Brasileira de Letras. Literatura brasileira.

**Abstract:** *The writer from São Paulo Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982) produced an extensive work throughout her literary career, and moved through the most different genres: historical novel, science fiction, short story, theater. Another genre, which brought great notoriety for the writer, was the chronicle: Dinah wrote thousands of these texts throughout her life, which were disseminated both in print media and were read on radio programs. Besides that, the writer had an intense performance in the intellectual circles, fact that was registered in the sheets of newspapers and magazines of her time. Thus, the main objective of this work is to recover some of the events that demonstrate intertwining between Dinah's life, as a writer and an intellectual, and the pages of the press. Among these, we highlight Dinah's efforts to allow women to join the Brazilian Academy of Letters. With this, also, it is intended to bring a contribution to the reading and study of an author who is almost unknown nowadays.*

**Keywords:** *Dinah Silveira de Queiroz. Press. Feminine authorship. Brazilian Academy of Letters. Brazilian literature.*

## 1 INTRODUÇÃO

No dia 12 de outubro de 1939, por volta das 17 horas, Dinah Silveira de Queiroz chegou

à Casa Mappin, em São Paulo. A ocasião marcava o recebimento de uma homenagem devido ao sucesso do livro de estreia de Dinah, o romance *Floradas na serra* – sua edição mais recente, de 2004, conta como a 32ª. Ao lado do então marido Narcélio de Queiroz e do pai Alarico Silveira, a escritora foi saudada com calorosas palmas por um salão lotado de intelectuais e representantes da sociedade paulista (HOMENAGEADA, 1939). Esse episódio, narrado nas folhas do *Correio Paulistano* de 13 de outubro de 1939, é um dentre tantos registrados pela imprensa acerca da carreira literária da escritora Dinah Silveira de Queiroz (São Paulo, 1911). Isso porque Dinah, para além da sua extensa e diversificada obra literária, teve uma longa e intensa atuação nos meios culturais de sua época. Ademais, ainda que sua produção como contista e, principalmente, como romancista, seja ampla, o gênero em que a autora mais escreveu foi a crônica: ao todo, mais de 11 mil textos ao longo da vida, interrompidos apenas três dias antes da sua morte, em 27 de novembro de 1982 (ALVES, 1989). Suas crônicas foram veiculadas durante quase quatro décadas consecutivas em diversos jornais do País e também vocalizadas em programas de rádio. Tais fatos, por si só, já tornariam a sua história indissociável dos veículos de comunicação. No entanto, sua atuação enquanto ficcionista e intelectual também estiveram, por outras maneiras e motivos, entrelaçadas com as páginas da imprensa. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é recuperar alguns dos acontecimentos que demonstram tal entrelaçamento. Dentre esses, merece destaque um dos primeiros episódios envolvendo Dinah e a sua luta para que escritoras mulheres também pudessem ser aceitas como integrantes da Academia Brasileira de Letras (ABL). É importante ressaltar que, para a realização deste trabalho, foi fundamental, principalmente, as buscas no acervo de periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, visto que atualmente é essa a fonte que permite maior e mais completo acesso ao que foi a trajetória de Dinah. Assim sendo, por meio deste trabalho, também se pretendeu trazer uma contribuição para o estudo de uma escritora que, a despeito de sua carreira, atualmente está quase em esquecimento.

## 2 DINAH: VIDA, LITERATURA E IMPRENSA

A associação entre Dinah Silveira de Queiroz e os círculos intelectuais e literários surge desde a sua própria família: seu pai, além de advogado, contribuiu com diversos jornais e foi o autor de uma inconclusa *Enciclopédia Brasileira*. Ademais, Dinah também era sobrinha do poeta e filólogo Agenor Silveira e do contista Valdomiro Silveira, considerado por muitos críticos como o precursor do regionalismo na literatura brasileira. Sua irmã, Helena Silveira, também viria a tornar-se escritora, assim como os primos Isa Silveira Leal e Cid Silveira. Dinah também tinha como primos Brenno Silveira, tradutor, Enio Silveira, editor da *Civilização Brasileira* de 1951 a 1996, e Miroel Silveira, crítico e diretor de teatro. Dinorah Ribeiro Silveira, sua mãe, faleceu precocemente aos 26 anos, o que levou Dinah, ainda criança, a morar com a tia-avó Zelinda Ribeiro. Nesse período, seu pai, sempre que a visitava, fazia leituras em voz alta de obras como as de H.G. Wells, que influenciaram os futuros trabalhos de Dinah no gênero da ficção científica. Aos 19 anos, casou-se com o advogado e futuro desembargador Narcélio de Queiroz, primo de Rachel de Queiroz – e

de quem Dinah foi grande amiga. Tiveram duas filhas, Zelinda e Léa, e foram casados por mais de 30 anos, até o falecimento de Narcélio em 1961. Em 1962, Dinah assumiu a função diplomática de Adido Cultural da Embaixada do Brasil em Madri. Nesse mesmo ano, se casou com o também diplomata Dário Moreira de Castro Alves; logo após o casamento, eles residiram em Moscou por cerca de dois anos. No ano de 1964, o casal retornou ao Brasil, e em 1966 deixaram o país para residir em Roma – período em que Dinah manteve um programa semanal na rádio do Vaticano.

Quando publicou *Floradas na serra*, aos 27 anos, Dinah se surpreendeu com o êxito da obra. Em 1940, o livro foi laureado com o prêmio *Antônio de Alcântara Machado*, da Academia Paulista de Letras. Em 1954, a obra foi adaptada para o cinema pela Companhia Cinematográfica Vera Cruz, tendo Cacilda Becker como protagonista; em 1991, foi adaptada como minissérie de televisão na extinta Rede Manchete. O romance conta a história de Elza, jovem que busca recuperar-se da tuberculose<sup>1</sup> em um sanatório em Campos do Jordão. A trajetória literária de Dinah, no entanto, teve seu marco inicial antes disso, e justamente pelas páginas da imprensa. Em 1924, Dinah havia publicado um soneto na revista *Fon Fon* e dois contos, *Pecado* (1937) e *A sereia verde* (1938), no jornal *Correio Paulistano* e na *Revista do Brasil*, respectivamente. Ambos integraram em 1941 seu segundo livro, homônimo ao segundo conto. *Pecado*, ainda, foi traduzido para o inglês por Helen Caldwell<sup>2</sup> e ganhou o prêmio de melhor conto da América Latina, escolhido entre 150 trabalhos de ficção, traduzidos por professores ou especialistas da literatura latino-americana. Seu livro seguinte, o romance *Margarida La Rocque: a ilha dos demônios*, data de 1949, publicado pela José Olympio – editora responsável pela maioria de suas obras, e na qual Dinah era a autora de maior sucesso de público (SOARES, 2006). Em 1951, a autora publicou sua primeira obra infantojuvenil, *As aventuras do homem vegetal* – gênero no qual também escreveria *A princesa dos escravos* (1965) e *A baía da espuma e outras histórias* (1979).

*A muralha*, um romance histórico e um dos seus livros de maior sucesso, é publicado em 1954, como parte das homenagens ao IV centenário da fundação de São Paulo. Essa obra já ganhou quatro adaptações para televisão: em 1958, pela TV Tupi; em 1963, pela TV Cultura; em 1963, pela TV Excelsior; em 2000, pela TV Globo (MEMÓRIA GLOBO, 2019). Ademais, é o livro da autora com o maior número de traduções, tendo sido editado em países como Argentina, Coreia do Sul, Estados Unidos, Japão e Portugal. No entanto, antes de sua primeira edição em 1954, o livro foi publicado em capítulos semanais na revista *O Cruzeiro*, periódico que, à época de *A muralha*, chegou a ter uma tiragem de mais 520 mil exemplares. Alguns dos capítulos foram acompanhados de ilustrações que chegavam a ocupar duas páginas, como pode ser observado na Figura 1.

<sup>1</sup> Doença para a qual Dinah perdeu a mãe, a avó e a bisavó (PEREZ, 1960).

<sup>2</sup> Pesquisadora americana, autora de *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*, estudiosa e tradutora desse autor.

Figura 1 - Capítulo de A muralha na revista O Cruzeiro



Fonte: O CRUZEIRO (1953, pp. 62-63)

Em 1956, a escritora publicou sua primeira e única peça teatral, o drama bíblico *O oitavo dia*. Seu segundo livro de contos, *As noites do Morro do Encanto* (1957), recebeu o prêmio *Afonso Arinos* da Academia Brasileira de Letras. É parte dessa obra *A moralista*, incluído por Italo Moriconi na seleção *Os cem melhores contos brasileiros do século* (Editora Objetiva, 2000). Seu livro seguinte, *Eles herdarão a terra* (1960), também uma coletânea de contos, traz uma primeira investida da autora na ficção científica, o que se repetiu nos contos de *Comba Malina*, publicado em 1969. Por causa dessas obras, Dinah é considerada uma das pioneiras da ficção científica no Brasil. Ainda na década de 1960, publicou *Verão dos infieis* (1968), romance que foi um *best-seller* e teve ampla aceitação pela crítica. Por essa obra recebeu em 1969 o prêmio de ficção da Prefeitura do Distrito Federal. Na década seguinte, escreveu *Eu venho, Memorial do Cristo I* (1974) e *Eu, Jesus, Memorial do Cristo II* (1977), romances que encenam uma autobiografia de Jesus Cristo, contando desde o momento de sua concepção até sua morte e ressurreição. Seu último livro, o romance *Guida, caríssima Guida!*, foi publicado em 1981.

Como cronista, Dinah tinha seus textos diariamente veiculados em jornais ou lidos em programas de rádio, mesmo quando a escritora residia fora do País. Duas de suas mais extensas e reconhecidas seções de crônicas foram “Jornalzinho Pobre” do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, e “Café da Manhã”, do também carioca *A Manhã*, no qual a autora abriu espaço para divulgação de textos produzidos por jovens escritores. Além disso, seus textos eram parte da programação da *Rádio Nacional*, no programa também chamado “Café da Manhã” e, da Rádio do MEC, no programa “Quadrante”. Esse último permaneceu no ar entre 1961 e 1964 e apresentava textos de autores como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Fernando Sabino, Manuel Bandeira,

Paulo Mendes Campos e Rubem Braga (THOMÉ, 2015). Em 1962 e 1963 foram publicados, respectivamente, as coletâneas *Quadrante 1* e *Quadrante 2*, nas quais estão reunidas algumas das crônicas vocalizadas no programa, incluindo textos de Dinah. Há ainda pelo menos outras três obras que apresentam seleções de crônicas da autora. A primeira delas foi publicada em 1969 com o título de *Café da Manhã*, na qual estão reunidas crônicas que abordam o dia a dia de três cidades em que Dinah havia residido: Rio de Janeiro, Moscou e Roma. Em 1974 foi organizada pela professora Bella Jozef uma *Seleção*<sup>3</sup> dedicada à escritora. Nessa obra, além de dois estudos de Jozef sobre Dinah e sua obra, constam dois contos, trechos de seus romances publicados até então, e 30 crônicas. Por fim, em 2015, foi publicado o livro *Literatura de ouvido*, de Claudia de Albuquerque Thomé. Esse, além de apresentar parte dos resultados da tese de doutorado de Thomé, traz 16 crônicas de Dinah, transcritas a partir de áudios disponíveis nos acervos da Rádio MEC e da Rádio Nacional no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, e de *scripts* localizados no acervo pessoal da escritora.

Cabe ainda recuperar a intensa atuação de Dinah para que fosse permitido o ingresso de mulheres na Academia Brasileira de Letras; a autora empreendeu intensas ações para que isso se concretizasse, atuando como uma liderança no movimento que reivindicava, durante a década de 1970, uma alteração nos estatutos da Academia – trajetória relatada por Heloísa Buarque de Hollanda no artigo *A roupa de Rachel*, de 1992, e por Michele Asmar Fanini em sua tese, *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*, de 2009. Tais ações foram iniciadas no exato ano de 1970, quando Dinah, em uma carta encaminhada à instituição, propôs a sua candidatura para a cadeira 17, vaga deixada por Álvaro Lins. Com isso, a escritora provocou a reabertura da discussão sobre inelegibilidade feminina para a ABL. Se por um lado Dinah encontrou apoio por parte de alguns acadêmicos, por outro teve sua iniciativa desaprovada por diversos “imortais”. Esse pleito lhe é então negado por Austregésilo de Athayde, presidente da ABL na época. A recusa baseava-se em uma controversa alteração no regimento da Academia, ocorrida em 1964, em que era especificado que apenas homens poderiam integrar a instituição. Por sete anos, então, Dinah empenhou-se no esforço para que escritoras também fossem aceitas, sendo assim “uma das pioneiras no trabalho persistente de quebrar o antiquíssimo tabu do ingresso da mulher na Academia Brasileira de Letras” (TELLES, 1997, p. 59). Essa situação foi enfim alterada em 1977, com a entrada de Rachel de Queiroz, quando a ABL completava 80 anos de existência. Dinah, em uma terceira tentativa – a segunda ocorrera em 1979 – foi eleita, em 1981, a segunda integrante do gênero feminino na ABL, ocupando a cadeira de número sete. No entanto, a reivindicação de Dinah pelo lugar das mulheres na Academia iniciou muito antes disso, e teve um dos seus primeiros pontos de relevo em 1954. Nesse ano, a autora se tornou a primeira mulher a receber da Academia o prêmio *Machado de Assis* pelo conjunto de sua obra. A cerimônia de premiação ficou marcada pelas expectativas e repercussão do discurso que seria proferido por Dinah. A partir da pesquisa em periódicos que noticiaram esses fatos, é possível atualmente recuperar esse importante episódio

<sup>3</sup> As *Seleções* reuniam textos fundamentais de escritores representativos da chamada “moderna literatura brasileira”, como Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles. Essas coletâneas foram publicadas no início da década de 1970 pela editora José Olympio em convênio com o Instituto Nacional do Livro e com o Ministério da Educação e Cultura; eram parte da *Coleção Brasil Moço*, e visavam “por fim ao divórcio entre as nossas letras modernas e os leitores jovens” (RÓNAI, 1974, p. IX).

não só da biografia de Dinah, mas do histórico acerca da relação entre as mulheres e a ABL.

### 3 DINAH E O DISCURSO DO PRÊMIO MACHADO DE ASSIS



Figura 2 - Dinah discursando na ABL ao receber o prêmio *Machado de Assis*  
Fonte: CARETA (1954, p. 19)

A Figura 2 traz um dos registros da cerimônia de entrega do prêmio *Machado de Assis* à Dinah, realizada em 5 de julho de 1954. A autora foi a escolhida pelos premiados daquele ano como a responsável por proferir o discurso de agradecimento representando todos os laureados – Helena da Silveira (irmã de Dinah), Ondina Ferreira, José Escobar Faria, Adherbal Jurema, Brasil Gerson, Aristóteles Soares, F. Coutinho Filho, Celso Kelly, Francisco Marina e Carlos Stellfeld (DINAH, 1954). Com isso, Dinah também se tornaria, segundo o jornal carioca *Correio da Manhã*, a primeira mulher a proferir um discurso na Academia, onde imperava “a austeridade misógina dos imortais” (UMA MULHER, 1954, p. 9). Em depoimento ao jornal *Tribuna da Imprensa*, a escritora destacou o fato de ser a primeira escritora a receber a distinção:

Sou a primeira mulher a receber o prêmio “Machado de Assis”<sup>4</sup>(...) e não posso negar que estou muito satisfeita. Esse importante prêmio não se concede por inscrição, mas por iniciativa da Academia Brasileira de Letras. Não é concedido a um só livro do autor, sendo considerado a coroação do conjunto de uma obra. (...) Creio, pois, que, deste ponto de vista, a Academia honrou, não somente minha obra, mas, ao mesmo tempo, a obra de todas as escritoras do Brasil, que não têm acesso à Academia, conforme vem acontecendo também na França, onde a “Académie Française” tem suas portas fechadas para nomes como os de Colette ou René Beck, para citar apenas esses dois (QUEIROZ, 1954 apud

<sup>4</sup> Essa afirmação, feita tanto pela autora quanto por alguns veículos da imprensa, não está totalmente correta. Isso porque, se por um lado, Dinah Silveira de Queiroz foi a primeira mulher a receber essa premiação pelo conjunto de sua obra, ela não foi a primeira mulher a receber propriamente o prêmio: em 1941, a escritora Tetrá de Teffé foi laureada com o *Machado de Assis* pelo romance *Bati à porta da vida* (GRECCO, 2018).

BACIU, 1954, p. 1).

Antes disso, no entanto, Dinah já havia se manifestado sobre a impossibilidade das escritoras tornarem-se “imortais” da ABL. Em matéria de 13 de julho de 1951 publicada em *O Jornal* (RJ), era abordada a proposta do então acadêmico Osvaldo Orico para que se fossem alteradas as normas, permitindo assim o ingresso de integrantes do gênero feminino. Em entrevista, Orico indica alguns nomes de escritoras que em seu entendimento eram merecedoras de ocupar um lugar da ABL – dentre elas, Dinah Silveira de Queiroz. A respeito disso, ainda na mesma matéria, Dinah comentou:

Já há tempos me manifestei sobre o assunto. Entendo que os homens em geral nunca demonstraram ser superiores intelectualmente às mulheres. E, portanto, têm as mulheres escritoras e poetisas do Brasil tanto direito quanto os homens de aspirar a Academia. Mas devo confessar que acho justo [sic] a resistência dos acadêmicos à admissão de mulheres no seio da Academia, porque a presença delas iria perturbar a tranquilidade dos seus alegre [sic] chás, onde como em todas as reuniões de homens, são tão apreciadas as anedotas maliciosas. E quem sabe se para muitos deles aquela presença não iria causar dificuldades domésticas. De qualquer maneira, muito grata à referência de Osvaldo Orico, considero que seria uma glória para uma escritora brasileira ser admitida na casa de Machado de Assis (QUEIROZ, 1951 apud “IMORTAIS”, 1951, p. 8).

Não é possível saber ao certo o quanto de ironia carrega, ou não, os comentários da escritora acerca das atividades desenvolvidas pelos escritores do gênero masculino quando reunidos na ABL. No entanto, é possível uma interpretação em que Dinah vale-se de uma aparente posição de empatia para traçar uma crítica aos acadêmicos e às razões daqueles que defendiam que mulheres não deveriam ser aceitas. Possivelmente por causa de colocações como as presentes nesses depoimentos, alguns jornais, ao noticiarem a entrega do prêmio *Machado de Assis* à Dinah, fizeram alusão a um suposto “discurso bomba” da escritora. Tal discurso, segundo o comunicado por alguns veículos, apresentaria justamente uma crítica da escritora em relação ao fato de as mulheres não serem aceitas por aquela mesma Academia. Até o momento da realização deste trabalho, não foi possível localizar o texto integral do discurso proferido por Dinah. No entanto, alguns periódicos da imprensa deram detalhes sobre sua fala. Um exemplo disso está na edição de 6 de julho de 1954 do jornal *A noite* (RJ). Nessa, é afirmado ter sido anteriormente noticiado que a autora lançaria uma “bomba” sobre a Academia, o que teria causado a curiosidade que levou uma numerosa quantidade de pessoas a comparecerem à cerimônia de premiação. Ainda na mesma notícia, é apresentada a narração de alguns pontos do discurso de Dinah:

[Dinah] Começa por dizer que podia transformar aquela festa num novo “5 de Julho<sup>□</sup>”. Tudo era porpício para isto. E não seria demais que as mulheres fizessem uma revolução para a conquista da “imortalidade” que lhes é negada. – Todos nós – exclama em determinado momento – temos uma alma de criança que tentamos sufocar, mas nem sempre o fazemos com segurança. E talvez seja este o momento em que não possa sufocar a que trago comigo. Logo, entretanto,

acalma a todos, dizendo que não faria naquele momento a revolução, mesmo porque não seria esta a forma de agradecimento que todos deviam à Academia. Passa, então, a analisar o momento que atravessam os escritores, muitas vezes, sem os bens materiais de outros, vivendo só de idealismo, mas invejados por esses, marcados em toda a sua trajetória pelo despeito no seu meio e fora dele. Como exemplo dessa época, cita que ao mesmo tempo em que chegavam a São Paulo estrelas do cinema americano, a quem a escritora chegou a classificar de decadentes, encontravam-se naquela cidade oitocentos cientistas de renome internacional, que passaram despercebidos pelo Brasil e pela grande capital paulista. Refere-se à alegria que não teria o pai da romancista – o escritor Alarico Silveira – se fosse vivo, vendo agora, as suas duas meninas de outros tempos, ela e a sua irmã Helena, recebendo aquela honrosa distinção. É essa a parte mais comovente do discurso da Sra. Dinah Silveira de Queiroz. Segue, então, com a análise de um livro escrito há meio século por um neuro-psiquiatra alemão, sobre a mulher, inteiramente depreciativo e diz que a Academia, conferindo três dos seus prêmios a escritoras bem provava não participar da teoria do cientista germânico (ELEGÂNCIA, 1954, p. 5).

Em outro veículo da imprensa, *O Jornal* (RJ), em uma notícia também de 6 de julho, intitulada “Blitzkrieg<sup>5</sup> do ‘sexo frágil’ pelo domínio da imortalidade”, igualmente é apresentado um breve resumo do discurso:

[Dinah] defendeu, em pleno recinto da Academia, a admissão das mulheres escritoras no rol dos “imortais” “Com a vaga aqui deixada pelo escritor Claudio de Souza<sup>6</sup>, quero (...) fazer neste momento a tentativa de uma investida para que os ‘imortais’ venham a admitir a mulher poetisa ou escritora nesta Casa”. (...) A escritora fez, em seguida, alusão a certo escritor que, escrevendo sobre as mulheres, declarou que elas “estão definitivamente marcadas pela inferioridade intelectual”. Um outro, segundo ainda declarou a escritora laureada, chegou a afirmar que nem mesmo na arte culinária ou na moda as mulheres conseguem projeção, pois a arte culinária e a moda progridem sob a direção dos homens. “Se os acadêmicos não nos querem aqui para sempre – declarou a escritora Dinah Silveira – que pelo menos não adotem tais teorias”. Causou alguma intranquilidade entre os acadêmicos, seguida embora de certo alívio pela forma bem humorada como foi produzido e lido o discurso, a interpelação que fez a escritora à assistência “Têm ou não têm mérito mulheres para figurar entre pares desta Casa?” (“BLITZKRIEG”, 1954, p. 8).

Por meio desses últimos dois textos é possível observar que Dinah, valendo-se de fina ironia, apresentou uma crítica contundente ao machismo da ABL. Isso se observa logo no início do relato apresentado por *A noite*, no qual primeiramente se registra que a escritora marca aquele momento como um momento de se fazer revolução, de se reivindicar a entrada da mulher na Academia. No

<sup>5</sup> O termo “blitzkrieg”, ou “guerra-relâmpago”, denomina o novo tipo de ataque bélico criado pela Alemanha durante a invasão à Polônia no início da Segunda Guerra Mundial (BRITANNICA, 2020).

<sup>6</sup> O acadêmico Cláudio de Sousa, ocupante da cadeira de número 29, havia falecido há alguns dias antes, em 28 de junho de 1954. Sousa acabou sendo substituído Josué Montello (1917-2006), eleito naquele mesmo ano.

entanto, afirma que não faria a dita revolução naquele momento – porém, o fato de ali pela primeira vez estar uma mulher em posição de premiada e de fala, somado ao próprio conteúdo do discurso de Dinah, mostra que a revolução já estava feita. Esse posicionamento de Dinah também fica reiterado na notícia de *O Jornal*, em que se registrou que a escritora foi bastante assertiva ao indicar, inclusive, a vaga de Cláudio de Sousa como a possibilidade de entrada da primeira mulher. Além disso, ainda no tocante ao aspecto irônico do seu discurso, ao comparar os acadêmicos ao médico alemão que defendia a inferioridade feminina em uma obra de 50 anos antes, Dinah crítica o atraso, já naquela época, do pensamento misógino. Ao dizer que os membros da ABL não agiam como o médico, ela afirma justamente o contrário, pois, se por um lado ela e outras escritoras estavam sendo premiadas, por outro não eram permitidas como “imortais” daquela casa. Tais críticas, no entanto, passaram aparentemente despercebidas pela imprensa, que evidenciou o bom humor do discurso de Dinah, na contramão do “discurso bomba” que era esperado. O jornal *Tribuna de Imprensa*, que também trouxe uma notícia com detalhes da fala de Dinah, ressaltou que todas as observações da escritora “foram feitas num tom jovial. Agradaram muito a assistência” (MULHER, 1954, p. 1). Tal afirmação, contudo, parece ser contrariada pela expressão que se observa na face de alguns dos presentes, conforme pode ser observado na Figura 2. A ironia do discurso da autora, no entanto, foi registrada pela também escritora Lâsinha Luis Carlos:

A Academia de Letras assiste, assustada e atenta, ao discurso-bomba pronunciado por Dinah Silveira de Queiroz, na sessão pública em que essa nossa prestigiosa escritora recebe o Prêmio Machado de Assis. É a primeira vez que uma mulher alcança tal honraria, e muito merecidamente. Até hoje essa recompensa só havia sido concedida a homens. Dinah aproveita a ocasião para fazer uma investida feminista às portas cerradas do nosso Petit Trianon. E emprega, como arma, aliás terrível, a ironia. Pois talvez só isso caiba num caso tão clamoroso, de tão dolorosa injustiça para com a inteligência feminina. Abalaram-se os alicerces das convicções dos sizudos cavalheiros que ali se aboletaram: deverá ou não a mulher ser aceita no augusto cenáculo. O discurso revolucionário de Dinah Silveira de Queiroz intensifica o assunto. E sucedem-se as notícias nos jornais, as polémicas, os programas de televisão e rádio focalizando a questão. São ouvidas várias escritoras. E os senhores acadêmicos vão pondo suas barbas de molho... Eles temem a ofensiva feminina: dizem alguns que se as mulheres entrarem para a Academia vai-se a paz da casa, só as mulheres passarão a ser eleitas, e, das mulheres só as bonitas... (...). Mas não acho que seja preciso tanta celeuma em torno do caso. O caso é aliás, líquido, pois o espírito não tem sexo. Quantas mulheres de valor mereciam estar ali dentro, no seu “fauteuil”, de preferência a muito acadêmico que de escritor nada tem! A meu ver, o caso lembra o daquela famosa Academia dos Silenciosos, da Pérsia antiga: um candidato apresentou e, como pela praxe não podia falar, enviou a sua proposta por escrito. Os acadêmicos mandaram-lhe muito delicada: um copo cheio d’água até a beirada, onde não havia lugar para mais nenhuma gota. Que fez o candidato? Colocou em cima da água ma pétala de rosa e devolveu o copo aos acadêmicos. É claro que o homem foi aceito... Com a Academia e a mulher está acontecendo o mesmo. O copo está cheio, mas há lugar para uma pétala de rosa... (CARLOS, 1954, p. 13).

Em seu artigo, Lâsinha não somente põe em evidência o ponto central do discurso de Dinah, como tece a sua própria crítica à Academia, ratificando, assim, a fala da escritora premiada, e estendendo o debate. Mesmo considerando que os estatutos da ABL viriam a ser modificados apenas quase vinte anos mais tarde, recuperar o que foi a atuação de Dinah e de outras escritoras para abertura do acesso à “casa de Machado de Assis” não deixa de ser uma forma de honrar seus esforços. Ainda que se compreenda instituições como a ABL como conservadoras, o fato de aquele ambiente poder ser lugar ou não de mulheres diz muito sobre a sociedade em que tal Academia está inserida. Logo, o resgate desses episódios através do que foi registrado pelos periódicos da época mostra-se como uma maneira de narrar, também, a história das mulheres e da atuação feminista – mesmo que não fosse assim denominada – no Brasil.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recuperar a totalidade da trajetória pessoal e/ou profissional de Dinah Silveira de Queiroz não é algo que caiba em apenas em um artigo; sua vida pública (mas não somente) daria uma biografia das mais interessantes. Ainda assim, neste trabalho se procurou trazer à luz alguns episódios relevantes da carreira de Dinah, bem como sua relação decisiva com a imprensa. A escritora, para além de sua trajetória literária ampla e variada, foi membro ativo dos círculos intelectuais de sua época, chegando até mesmo a exercer funções diplomáticas fora do País. Por causa disso, a autora assiduamente estava nas páginas de revistas e jornais, tanto como notícia, como enquanto autora. Exemplo disso foi sua vasta produção crônica, impressa em diversos periódicos e também vocalizada em programas de rádio, e que foi uma presença diária que durante décadas acompanhou os brasileiros. Essa é outra parcela da trajetória de Dinah que mereceria recuperação e estudo – com exceção das obras mencionadas, atualmente é possível ter acesso às crônicas de Dinah somente por meio da pesquisa em arquivos. Considerando o tamanho de sua produção – mais de 11 mil textos, em que a escritora discorria sobre os mais diversos assuntos –, os quatro livros mencionados se mostram insuficientes. Ademais, salvo o referido estudo de Claudia de Albuquerque Thomé, não foi localizada nenhuma outra pesquisa de maior porte a respeito das crônicas de Dinah. Ainda sobre sua relação com a imprensa, é significativo o fato de que uma de sua obra de maior êxito, *A muralha*, tenha sido publicada primeiramente em capítulos do periódico *O Cruzeiro*, antes de sua igualmente bem-sucedida edição em livro. Por fim, é também a pesquisa em arquivos de periódicos que permite recuperar um episódio importante da atuação de Dinah para que fossem alteradas as normas da Academia Brasileira de Letras, de maneira que fosse permitido o ingresso de integrantes do gênero feminino. Dinah, referida quando se recupera a trajetória das mulheres na ABL, se tornou em 1981 a segunda escritora “imortal”. Ainda que sua presença na Academia tenha sido breve, pois a autora veio a falecer no final de 1982, sua participação, e sua persistência ao longo de décadas, foi decisiva para que os estatutos da instituição fossem revistos. Com essa discussão, provocou, conseqüentemente, o questionamento acerca da suposta

inferioridade intelectual feminina, defendida por tantos à época da escritora paulista – fato que, espantosamente, às vezes ainda encontra eco nos dias atuais.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Acadêmicos. *Cláudio de Sousa*: Perfil do acadêmico. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/claudio-de-sousa>. Acesso em: 29 jul. 2020.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Acadêmicos. *Dinah Silveira de Queiroz*: Biografia. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/dinah-silveira-de-queiroz/biografia>. Acesso em: 21 mar. 2018.

ALVES, Dário Moreira de Castro. Dinah Silveira de Queiroz. In: ALVES, Dário Moreira de Castro. *Dinah, caríssima Dinah*. Brasília: Horizonte, 1989. p. 17-25.

BACIU, Stefan. Duas irmãs premiadas pela Academia. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 8 mai. 1954. Segundo Caderno, p. 1-8. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_01/15543](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_01/15543). Acesso em: 9 jul. 2020.

“BLITZKRIEG” do “sexo frágil” pelo domínio da imortalidade. *O Jornal*, Rio de Janeiro, p. 6;8, 6 jul. 1954. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/110523\\_05/29613](http://memoria.bn.br/docreader/110523_05/29613). Acesso em: 9 jul. 2020.

CARETA. Rio de Janeiro: Jorge Schmidt, n. 2405, 31 jul. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/083712/99626>. Acesso em: 8 jul. 2020.

CARLOS, Lâsinha Luis. *Fon Fon*, Rio de Janeiro, n. 2468, p. 13, 24 jul. 1954. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/259063/143891>. Acesso em: 9 jul. 2020.

DINAH foi a escolhida. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1954. Caderno 2, p. 1-8. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154083\\_01&pagfis=16137](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154083_01&pagfis=16137). Acesso em: 9 jul. 2020.

ELEGÂNCIA, inteligência e coração na festa da Academia. *A noite*, Rio de Janeiro, p. 1;5, 6 jul. 1954. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/348970\\_05/25205](http://memoria.bn.br/docreader/348970_05/25205). Acesso em: 9 jul. 2020.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. *De lá pra cá* [Dinah Silveira de Queiroz]. Brasília, TV Brasil, 4 out. 2012. Programa de TV.

FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões*: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003). 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FATOS históricos do dia 5 de julho. *O Sul*, Porto Alegre, 5 jul. 2020. Disponível em: <https://www.osul.com.br/fatos-historicos-do-dia-5-de-julho-2/>. Acesso em: 28 jul. 2020.

GRECCO, Gabriela de Lima. Levemos a mulher à Academia Brasileira de Letras! Tetrá de Teffé, a primeira romancista premiada pelos imortais. *Travessias*, Cascavel, v. 12, n. 1, p. 177-192, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/19326>. Acesso em: 23 dez. 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. A roupa de Rachel: um estudo sem importância. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 0, n. 0, p. 74-96, jul./dez. 1992. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15802>. Acesso em 21 nov. 2019.

HOMENAGEADA a autora de *Floradas na serra*. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 3, 13 out. 1939. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/090972\\_08/31265](http://memoria.bn.br/docreader/090972_08/31265). Acesso em: 11 abr. 2018.

“IMORTAIS” de saias e baton. *O Jornal*, Rio de Janeiro, p. 8, 13 jul. 1951. Disponível em [http://memoria.bn.br/docreader/110523\\_05/8290](http://memoria.bn.br/docreader/110523_05/8290). Acesso em: 9 jul. 2020.

JOZEF, Bella. Perfil de Dinah Silveira de Queiroz. In: QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Seleção*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. p. XI-XIV.

MEMÓRIA GLOBO. **A muralha**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/minisseries/a-muralha/a-muralha-inicio.htm>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MULHER discursa na Academia. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1954. Caderno 2, p. 1-8. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_01/16315](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_01/16315). Acesso em: Acesso em: 9 jul. 2020.

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: Diários Associados, n. 42, 1 ago. 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003581/87437>. Acesso em: 8 jul. 2020.

PEREZ, Renard. Dinah Silveira de Queiroz. In: PEREZ, Renard. *Escritores brasileiros contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. p. 113-126.

RÔNAI, Paulo. Advertência (A propósito da Coleção Brasil Moço). In: QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Seleção*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. p. IX.

SEGUNDA Guerra Mundial. In: BRITANNICA Escola. Chicago: Britannica Digital Learning, 2020. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Segunda-Guerra-Mundial/482882>. Acesso em: 29 jul. 2020.

SILVERMAN, Malcolm. *Moderna ficção brasileira 2: ensaios*. Tradução João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981.

SOARES, Lucila. *Rua do Ouvidor 110: uma história da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

TELLES, Lygia Fagundes. A mulher escritora e o feminismo no Brasil. In: Sharpe, Peggy (Org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis:

Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG. 1997. p. 57-63.

THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. *Literatura de ouvido: crônicas do cotidiano pelas ondas do rádio*. Curitiba: Appris, 2015.

UMA MULHER na Academia. *Correio de Manhã*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1954. Primeiro Caderno, p. 1-12. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_06/37581](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/37581). Acesso em 9 jul. 2020.

**Ana Cristina Steffen**

---

Possui graduação em Letras (2017) e Secretariado Executivo (2008), especialização em Marketing Estratégico (2010) e Mestrado em Letras - Teoria da Literatura (2019) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente, doutoranda em Letras - Teoria da Literatura pela mesma universidade, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

*Recebido em 15/08/2020.*

*Aceito em 10/09/2020.*